



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7579 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

### PROVOCAÇÕES SOBRE A PANDEMIA E A MULHER NEGRA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Luciana Ribeiro de Oliveira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ana Cristina da Costa Gomes - 2ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

Considerando que a pandemia do COVID-19 é uma lupa que ampliou para a sociedade brasileira muitas desigualdades em que vive a comunidade negra, identificando, também que, neste contexto, a educação é um dos setores mais atingidos, entendemos a importância de trazer para o corpo de nosso estudo sobre mulher negra e educação a reflexão sobre como este momento impacta em sua produção acadêmica, definindo como mais um desafio a ser enfrentado por ela quer no espaço acadêmico e ainda nos aspectos individual e coletivo de sua vida em que identificamos a colonialidade (BERNARDINO-COSTA, 2019) e a violência colonial de gênero (LUGONES, 2008).

O ano de 2020 nos surpreende com um acontecimento histórico a nível mundial, o surgimento da pandemia do COVID-19 que chega ao Brasil em março provocando mudanças efetivas nas relações sociais e na dinâmica da sociedade, revelando as profundas desigualdades brasileiras que, para alguns permaneciam invisíveis. Essas disparidades que atingem em maior grau à população negra de um modo que identificamos como colonialidade, porque aponta “o silenciamento, ignorância e inferiorização do outro e são constitutivos da modernidade” (BERNARDINO-COSTA, 2019, p. 41), associando raça e divisão de trabalho, em um processo constante de colocar a diferença como o eixo fundamental de um padrão de poder que hierarquiza os corpos e seus saberes, em que o sistema-mundo cria esse outro e coloca o projeto europeu como universal.

A pandemia traz impactos na vida política e econômica do país, mas também na educação, atingindo das séries iniciais à pós-graduação, principalmente no que se refere à produtividade acadêmica. Esta nova realidade educacional, que nada tem a ver com Educação à Distância (EAD) enquanto modalidade de ensino efetivamente elaborada, mas por se tratar de um arranjo “para não perder o ano” ou os investimentos, ignora que a origem da crise é a saúde, portanto uma luta pela vida. Para este momento, com foco na mulher negra na pós-graduação, atentamos que se antes essas questões já se mostravam bastante complexas e desafiadoras, hoje, mais intensas, refletirão em suas produções acadêmicas.

Nos colocando diante dos nossos cotidianos de mulheres negras, retomando nossos estudos desenvolvidos sobre mulheres negras e educação ao longo de uma caminhada que, em mais de cinco anos, identificamos a colonialidade e a violência colonial de gênero como marcadores na trajetória escolar das mulheres negras desde as séries iniciais até a pós-

graduação e, portanto, definem as experiências com a educação ao longo de suas vidas. Nos aproximamos também do relatório de *Parent in Science 2020*, dados do CNPQ/2015 e o Censo da Educação Superior 2016 para refletirmos sobre os impactos que propomos aqui.

A pandemia impõe o distanciamento social e com ele surge a alternativa do *Home Office* em que cada profissional, de sua casa continua a exercer suas funções administrativas e não deixa a economia parar. Seguindo essa lógica, impõe-se a escolarização remota às séries iniciais, sendo a mesma proposta encaminhada aos cursos superiores, atingindo a pós-graduação. O ensino remoto e as cobranças de desempenho acadêmico não consideram o fato de que muitos estudantes, de qualquer segmento, principalmente os mais pobres e de maioria negra, vivem em habitações pequenas, sem acesso às urbanidades e muito menos a equipamentos de informática e internet com qualidade. Esta situação faz aumentar o fosso de injustiças provocadas pelo racismo estrutural e acentua a desigualdade escolar desses estudantes que já sofrem em meio a práticas e currículos silenciadores.

Retomamos, com isso, nossas constatações de que os processos educativos que ignoram as relações étnico-raciais fragilizam a representação. O documento “Análise sobre a participação de negras e negros no sistema científico” (CNPQ, 2015) revela que em janeiro de 2015 o total de bolsistas era 91.103, sendo os brancos cerca de 58% e os/as bolsistas negros/as, 26%. As mulheres brancas são 59% do total de mulheres bolsistas e as negras (pardas e pretas) 26,8%. A participação das pretas é de 4,8%. O Censo da Educação Superior de 2016 identificou que as mulheres negras com doutorado não chegam a 3% do total de docentes dos países e, de acordo com o mesmo estudo, somente 7% das mulheres negras têm a chamada bolsa de produtividade que exige um mínimo de publicação acadêmica para ser efetivada.

Neste momento em que identificamos mulheres negras sofrendo o impacto drástico de diminuição e falta de emprego, além de outras questões graves como a violação do direito a água, alimentação, tratamento de esgoto entre outros marcadores urbanos, percebemos que desencadeia um processo de instabilidade nas suas produções acadêmicas, talvez vivenciando problemas como os que relatamos acima que nos leva a pensar sobre os impactos da violência colonial de gênero que interseccionado aos traços de raça, gênero e classe nos permitirá ver “la imposición colonial, lo profundo de esa imposición. Nos permitirá la extensión y profundidad histórica de su alcance destructivo” (LUGONES, 2008,p,77).

Em julho de 2020 o grupo *Parent in Science* divulgou pesquisa sobre os impactos da COVID-19 na produtividade acadêmica analisando as interseções de raça, gênero e parentalidade entrevistando 15 mil cientistas, graduandos, pós-graduandos, docentes e pesquisadores com o objetivo de entender melhor este cenário. A pesquisa apontou que 49% das mulheres docentes com filhos produziu artigos acadêmicos contra 46% das docentes negras que são mães. Mesmo sem filhos a produção das mulheres negras chega a 48,7% enquanto de mulheres brancas, 58,9%. A pandemia, diz Zélia Ludwig (2020), “escancarou mais os efeitos da desigualdade nas mulheres negras não só na academia como na sociedade de forma geral”. Diante desse quadro, percebemos a pandemia como mais um entrave para o acesso e permanência de mulheres negras na vida acadêmica ou no ensino superior.

Entendemos que aí se configura a colonialidade e que isto vai repercutir na escolaridade, com desdobramentos negativos nos outros campos quer individuais ou coletivos na vida da mulher negra, indício de um efeito maior que é o de pensar no impacto que estes dados nos trazem sobre a representatividade negra. Quais as consequências que estes atrasos inferem nas suas produções acadêmicas após a pandemia? Quais os atrasos institucionais a diminuição das produções acadêmicas pode trazer a esta mulher negra cursando uma pós-graduação no momento de avaliação curricular ao concorrer a um concurso público para

professora? Será esta mais uma violência que marcará seu atraso na corrida para a conclusão de uma pós-graduação?

**Palavras-chave:** Pandemia. Produtividade acadêmica; mulheres negras; violência colonial de gênero; colonialidade.

## REFERÊNCIAS

CNPQ/-Análise sobre a participação de negras e negros no sistema científico. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/1f95db49-f382-4e22-9df7-933608de9e8d>>. Acessado em 28/08/2020.

LUGONES, María. “Colonialidad Y Género”. Tabula Rasa. Bogotá - Colômbia, No.9: 73-101, 2008. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>> Acessado em 27/08/2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (orgs.) *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 27-53.

*Parent in Science 2020* - Pesquisa Produtividade Acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade. Disponível em: <<https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>>. Acessado em 28/08/2020.

INEP. Censo da Educação Superior 2016. Notas Estatísticas. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre)>. Acessado em: 31/08/2020.